

OS IMPACTOS DO USO DE TELAS NO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DAS CRIANÇAS: UMA APROXIMAÇÃO DOS CONCEITOS DE VIGOTSKI E MOSCOVICI

Vitória De Carli (PIBIC/CNPq), Fabiane Freire França (Orientadora). E-mail: fffranca@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Ciências Humanas/ Psicologia/ Psicologia Social.

Palavras-chave: Infância; Psicologia Histórico-Cultural; Psicologia Social.

RESUMO

O uso de telas permeia a vida contemporânea, sobretudo após a pandemia do *Covid-19*, o que reflete na educação das crianças. Porém, as consequências do excesso dessa prática afetam o desenvolvimento, a saúde e a segurança infantil. Esta pesquisa qualitativa objetiva compreender os impactos do uso de telas por crianças, a partir dos referenciais Vigotski e Moscovici. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura, mediante Análise de Conteúdo de Bardin. As informações foram reunidas em eixos e articuladas com as teorias psicológicas. Os resultados apontam que os impactos estão relacionados à sociedade que privilegia um comportamento passivo da criança em frente à tela, prejudicando o desenvolvimento do pensamento e influenciando na rotulação diagnóstica. Esse conhecimento é necessário ao monitoramento parental quanto ao tempo de uso e aos conteúdos acessados, para reduzir riscos e beneficiar o desenvolvimento infantil.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca compreender os impactos do uso de telas no desenvolvimento psíquico das crianças, a partir de uma aproximação dos conceitos de Vigotski e Moscovici. Parte-se do pressuposto de que o atravessamento da tecnologia, cada vez mais constante, nas relações sociais, faz com que haja uma mudança do desenvolvimento humano, pela transformação da realidade subjetiva. Os objetivos foram: mapear a literatura atual sobre os impactos do uso de telas por crianças, para observar quais as manifestações psíquicas acarretadas pelo uso excessivo de telas na infância; investigar uma aproximação entre abordagens da Psicologia Histórico-Cultural e Social, a fim de compreender o desenvolvimento infantil no contexto da era digital; e analisar o impacto do uso de telas por crianças no desenvolvimento psíquico sob uma perspectiva psicológica.

REVISÃO DE LITERATURA

Esta pesquisa apresenta natureza bibliográfica e qualitativa, baseada na análise de 25 artigos selecionados nas bases de dados *Google Acadêmico* e *SciELO*. Os artigos, publicados entre 2020 e 2025 (pós pandemia do *Covid-19*), abordam os impactos do uso de telas na saúde e no desenvolvimento infantil. Foram excluídos os que fogem desses critérios e os que tratam de um impacto específico, além das dissertações e teses que extrapolam o objetivo proposto. A interpretação seguiu os procedimentos da Análise de Conteúdo de Bardin: na pré-análise, fez-se uma leitura e sistematização das ideias recorrentes, com o auxílio de uma tabela criada pela pesquisadora; na exploração do material, os dados foram contemplados em um texto e separados em três categorias: “o isolamento social”; “a importância do monitoramento dos pais”; “os impactos relacionados ao pensamento e linguagem”; e no tratamento dos resultados, estabeleceu-se a conexão com as teorias de Vigotski, em *A formação social da mente* (1998), e de Moscovici, em *Representações sociais: investigações em psicologia social* (2007).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão de literatura mostra que o uso de telas é constante na vida das crianças, impulsionado pela realidade tecnológica e pelo papel das telas como ferramentas de entretenimento diante das rotinas familiares exaustivas. Porém, todos os artigos analisados apontam prejuízos desse uso. Foram divididos três eixos principais, discutidos com base nas teorias dos autores, como mostrado a seguir.

O Isolamento Social:

O uso excessivo de telas na infância leva ao isolamento social, o que pode causar atrasos na linguagem e/ou dificuldades na comunicação; desenvolver transtornos de ansiedade e depressão; e contribuir ao sedentarismo e à obesidade. Pensando na teoria de Moscovici (2007), na pandemia o uso de telas foi ancorado a ideias de segurança, facilidade de se ter lazer e de manter vínculos de qualquer lugar e isso criou uma representação social de que as telas são uma solução prática. No campo objetivo, isso é visto no brincar das crianças, que se dá por meio das telas, e a imagem de uma criança quieta e passiva se associa a comportamentos desejáveis de segurança e boa conduta. Ademais, a febre de diagnósticos infantis, de Transtorno do Espectro Autista, de Transtorno do *Déficit* de Atenção com Hiperatividade e a medicalização decorrente disso, também pode ser associada a essa teoria. Comportamentos como isolamento social e dificuldade de concentração, comuns em crianças que passam longos períodos em frente às telas, são rotulados como características dos transtornos. Esse processo de ancoragem simplifica a explicação para os comportamentos e a objetivação pode ser vista pela quantidade de laudos e de crianças medicadas para que se mantenham controladas e passivas.

Pensamento e Linguagem:

O uso excessivo de telas impacta a linguagem infantil, prejudicando a fala, a alfabetização e o rendimento escolar. Vigotski (1998) teoriza que a linguagem é base para organizar ideias, planejar ações e desenvolver a percepção e a memória, e os artigos apontam o quanto o uso de telas em excesso prejudica essas capacidades. A interação social e a brincadeira, ao permitirem a comunicação e o contato com o outro, abrem espaço para a simbolização, pois permitem que a criança consiga representar em objetos algo diferente de sua função real, e a partir disso, consegue compreender a realidade, assumindo papéis sociais. Além disso, crianças que utilizam telas em excesso podem apresentar sintomas semelhantes aos do TEA, pela dificuldade de interação, comunicação e de construção do pensamento abstrato. O *déficit* escolar, destacado no período da alfabetização nos artigos, também tem relação com este efeito, pois Vigotski aponta que a leitura e a escrita se desenvolvem a partir da capacidade de simbolizar, além da oralidade, que não é desenvolvida sem interação e diálogo. A capacidade de refletir, planejar e memorizar é também prejudicada pelos estímulos rápidos e respostas prontas das telas e a dificuldade de concentração se dá pelo fato de a criança não ser levada a desenvolver a própria atenção e ter controle dela. Isso vem do aprendizado gerado a partir da brincadeira, da simbolização. Logo, o uso de telas se relaciona com os diagnósticos de TDAH, pois os sintomas podem ser dificuldades relacionadas a ambientes que não promovem o desenvolvimento da autorregulação da criança.

O papel dos responsáveis:

O uso de telas é inevitável na atualidade, mas alguns artigos apontam que, quando realizado de forma consciente, pode trazer benefícios, cabendo aos pais controlarem o tempo e o conteúdo acessado. Para Moscovici (2007), é preciso desconstruir representações sociais hegemônicas, nesse caso consideramos o uso excessivo de telas pelas crianças. Com isso, as pessoas podem se tornar conscientes dos impactos dos excessos de telas e escolher se gostariam ou não de ser influenciadas, como novas ancoragens sociais. Ou seja, os pais devem pensar que as telas podem substituir a interação humana e que isso prejudica o desenvolvimento infantil, pois torna as crianças passivas diante da realidade. Ao reancorar o uso de telas como ferramenta para inserir as crianças no ambiente tecnológico, utilizando-se de recursos educativos, por tempo limitado, pode-se objetivar a experiência infantil atrelada a outros tipos de interação, considerando a o equilíbrio desse uso. Já articulando com a teoria vigotskiana, o autor considera essencial o papel dos pais como mediadores, logo, pode ser proveitoso inserir a tecnologia no cotidiano infantil, contanto que haja a presença dos responsáveis na interação que a criança realiza com as telas, de forma que ela não fique passiva às informações que recebe, podendo interagir e aprender com elas. Assim, o monitoramento dos adultos poderia ser aproveitado, considerando a tecnologia como uma ferramenta ao desenvolvimento infantil. Porém, a brincadeira que envolve o uso de objetos e a possibilidade de simbolizá-los é o que torna a criança consciente das próprias ações e desenvolve a sua linguagem, sendo assim essencial um equilíbrio com as experiências reais.

CONCLUSÕES

Após a pandemia, o uso de telas foi ancorado a ideias de praticidade e segurança no lazer e na educação das crianças, sendo assim uma prática comum das famílias. No entanto, a diminuição das interações sociais e das brincadeiras fora dos ambientes virtuais têm afetado a capacidade de simbolizar, de imaginar e, conseqüentemente, de desenvolver o pensamento e a linguagem. É possível, inclusive, associar esses fatos ao aumento de diagnósticos infantis dos últimos anos.

Nesse viés, seria pertinente reancorar o uso de telas por crianças a uma perspectiva mais consciente dos malefícios consequentes, de forma que seja possível utilizá-las dentro de um tempo adequado, recomendado pelos profissionais de saúde, e a partir dos recursos que poderiam instigar as crianças a interagir e aprender. Paralelamente ao uso, poder-se-ia privilegiar as atividades ao ar livre, o uso de brinquedos e a interação com outras pessoas, essenciais ao estímulo do desenvolvimento do pensamento de uma criança, além da capacidade de autocontrole dentro das condutas sociais.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), essencial incentivo para que os estudantes possam se dedicar à ciência no Brasil.

REFERÊNCIAS

BARRETO, M. D. J. *et al.* **Os impactos do tempo de tela no desenvolvimento infantil.** Revista Saúde UNIFAN, v. 3, n. 1, p. 58-66, 2023.

FÉLIX, L. C. **Os impactos do uso de telas no desenvolvimento psicossocial das crianças.** Trabalho de Conclusão de Curso (Psicologia) - Centro Universitário Vale do Salgado, 2022. Disponível em: https://sis.univs.edu.br/uploads/12/LET__CIA_DE_CARVALHO_F__LIX.pdf. Acesso em: 3 mar. 2025.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PASQUALINI, J. C. **Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas.** In: MARSIGLIA, A. C. G. (org.). *Infância e pedagogia histórico-crítica.* 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2013. p. 71.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.